



PARVOVIROSE EM SUÍNOS

SILVA, Ana Beatriz Pereira da.
MEDEIROS, Maria Estela Rodrigues.
PIASSA, Meiriele.

RESUMO

A parvovirose suína está entre as doenças de maior importância, ocasionando a natimortalidade, com altas taxas de mumificação fetal (QUATRIN, 2013). Sendo associada a falências reprodutivas, que acomete fêmeas suínas geralmente não imunizadas (RODRIGUEZ, 2003). Este vírus possui uma predileção pelos tecidos do embrião ou pelo feto e seus envoltórios, sendo, sensíveis até aproximadamente 60- 70 dias de gestação (CEZARIO, 2019). Ocasionalmente morte fetal e reabsorção, e principalmente mumificação (CHAGAS, 2019). Fetos mumificados, geralmente, apresentam tamanho distintos, devido à difusão lenta da infecção (CEZARIO, 2019).

PALAVRAS-CHAVE: parvovirose, mumificação fetal, suínos, natimortalidade.

1. INTRODUÇÃO

A suinocultura é caracterizada por uma atividade de alto impacto mundial (CEZARIO, 2019). E o Brasil por ocupar a 4ª posição na exportação e produção de carne suína, representa importante fonte de economia e comercial no país, principalmente na região sul (CHAGAS, 2019).

Um ponto negativo da produção de suínos, são as doenças de alta prevalência nos plantéis que causam altos impactos econômicos, sendo elas, doenças respiratórias, entéricas, e principalmente as reprodutivas, tendo a parvovirose suína como umas das principais (QUATRIN, 2013).

A parvovirose suína está entre as doenças de maior importância, ocasionando a natimortalidade, com altas taxas de mumificação fetal (QUATRIN, 2013). Sendo associada a falências reprodutivas, que acomete fêmeas suínas geralmente não imunizadas (RODRIGUEZ, 2003), pois o vírus tem grande afinidade com células em fase de mitose, tornando-se extremamente patogênico em fases de gestação, onde as fêmeas não possuem anticorpos circulantes suficientes (QUATRIN, 2013).

Este vírus possui uma predileção pelos tecidos do embrião ou pelo feto e seus envoltórios, sendo sensíveis até aproximadamente 60- 70 dias de gestação (CEZARIO, 2019). Ocasionalmente morte fetal e reabsorção, e principalmente mumificação (CHAGAS, 2019). Fetos mumificados geralmente apresentam tamanho distintos, devido à difusão lenta da infecção (CEZARIO, 2019). A transmissão pode ser horizontal e vertical (QUATRIN, 2013).

O objetivo deste trabalho é mostrar a importância do conhecimento sobre a parvovirose suína, como é a patogenia do vírus, sinais clínicos, diagnóstico e profilaxia.



2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O parvovírus é um membro da família Parvoviridae, sendo considerado um dos menores vírus DNA de animais, é desprovido de envelope o que o torna resistente, tanto a mudanças de pH, temperatura, sobrevivendo por muito tempo fora do hospedeiro, e também uma relutância à alguns desinfetantes (SOUZA, 2011).

Possuem propriedade hemaglutinante, já que têm a capacidade de ligar-se a receptores específicos das hemácias de determinadas espécies (SOUZA, 2011).

A parvovirose é de distribuição global e é uma das principais causas de falhas reprodutivas em fêmeas suínas gestantes, causando um alto número de fetos mumificados e natimortos (CHAGAS, 2019).

O vírus apresenta alta afinidade por células em fase de mitose, e está fortemente ligado a sua capacidade de afetar a gestação em fêmeas. A passagem do vírus da mãe para o feto ainda esta incerto, pois a placenta dos suínos é epitélio-corial e suas células são fortemente ligadas, o que impede a passagem de pequenas moléculas, como os anticorpos, porém, o autor acredita que a passagem possa vir a ser pelo sistema linfático (QUATRIN, 2013).

Se as fêmeas forem expostas ao vírus pela primeira vez até os 30 dias de gestação, provavelmente ocorrerá morte embrionária, reabsorção e a fêmea terá retorno de cio. Se os fetos sobreviverem podem apresentar redução de tamanho e baixo peso. Se a infecção ocorrer após os 30 dias de gestação, ocorrerá à morte do feto e como já ocorreu a deposição de cálcio no feto, não ocorrerá à absorção e assim, resultando a mumificação. Nas infecções após 70 dias, os fetos já estão com o sistema imune suficiente para sua proteção, porém serão fracos e positivos em exames, ou ocorrerá a natimortalidade antes do parto. A patogenia pode variar de acordo com a cepa e as suas mutações. Nos animais adultos a patogenia é baixa (SOUZA, 2011).

A transmissão se dá por via transplacentária, e a hipótese mais provável é que o parvovírus atinja o embrião ou feto através de macrófagos infectados, que conseguem atravessar a barreira placentária. O que pode explicar o porquê de apenas parte da leitegada ser infectada, pois também se dá por sua propagação intrauterina lenta e progressiva, afetando fetos de diferentes fases de desenvolvimento. O resultado é a presença de fetos mumificados, leitões natimortos e ainda leitões vivos saudáveis (CHAGAS, 2019). E também pode ser transmitido por via direta, por contato oronasal ou indireta com a ingestão do vírus. (QUATRIN, 2013).



Os sinais clínicos são relacionados com o período de infecção das fêmeas, entre eles estão o retorno de estro, aborto, baixo número de leitões nascidos, presença de leitões mumificados e de tamanhos diferentes. E pode se observar na fêmea a diminuição do volume do abdômen, pela morte embrionária e absorção do líquido amniótico. Animais adultos geralmente são assintomáticos, mas transmitem o vírus. O macho pode transmitir pela inoculação do sêmen contaminado (QUATRIN, 2013).

O diagnóstico envolve a observação de alterações clínicas e confirmação da suspeita clínica utilizando testes laboratoriais, sendo de maior importância os sorológicos como: ELISA, teste de inibição de hemaglutinação e testes moleculares (CEZARIO, 2019).

Como não existe tratamento para a doença, a vacinação é um método de controle específico, seguro e eficaz que proporciona imunidade aos suínos frente a parvovirose. No Brasil, as vacinas atenuadas não são disponíveis comercialmente. Sendo as inativadas, mais utilizadas pelo mundo, pela maior segurança (QUATRIN, 2013).

A vacinação contra parvovirose suína é recomendada para nulíparas pelo menos 30 dias antes da cobertura, em média aos 170- 180 dias de idade, seguida de uma segunda dose após 15 dias. A revacinação deve ser feita em torno de 10- 15 dias após o parto. Os machos devem ser vacinados com a primeira dose cinco a seis semanas antes de entrar para a reprodução, com aplicação da segunda dose 15 a 20 dias depois a revacinação a cada seis meses (SOUZA, 2011).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, o vírus chega a uma granja por meio da introdução de animais portadores inaparentes. A disseminação é vertiginosa, pelo meio de contato direto dos animais susceptíveis. Para um controle adequado, previamente, devemos conhecer quais doenças sucedem na propriedade, tal qual, fases de criação estão sendo afetadas e o impacto causado. E sobre tudo atuações de biossegurança, e diretrizes de bem-estar animal, pois, com comprovações de que animais com nível ínfimo de estresse, dispõem sistema imunológico mais hábil a combater infecções e responder a vacinação.



REFERÊNCIAS

CEZARIO, K. C. Detecção molecular de parvovírus suíno, circovírus suíno tipo 2 e 3, e leptospira sp. Em fetos suínos mumificados na região sul do Brasil. Universidade do Oeste de Santa Catarina, 2019.

CHAGAS, S. R., DALL'AGNOL, M., PESSOA, A. V. C., RAMIS-VIDAL, M. G., & PASCOAL, L. M. Aspectos epidemiológicos atuais da parvovirose, erisipela e leptospirose: seus impactos na suinocultura e saúde pública. Pubvet, 2019.

RODRIGUEZ, C. A. R., HOMEM, V. S. F., HEINEMANN, M. B., FERREIRA NETO, J. S., RICHTZENHAIN, L. J., & SOARES, R. M. Soroprevalência de anticorpos anti-Parvovírus suíno em suínos do município de Uruará, Estado do Pará. Arquivos do Instituto Biológico, 2003.

QUATRIN, S. C., & PIASSA, M. M. C. Parvovirose suína: uma revisão de literatura, 2013.

SOUZA, C. K. Diagnóstico de parvovirus e estudo de co-infecções por vírus de suínos, 2011.